



A BRASILEIRÍSSIMA FILOSOFIA BRASILEIRA

The very own Brazilian Philosophy

Ronie Aleksandro Teles da Silveira *

Resumo: É comum no meio filosófico brasileiro o constrangimento provocado pela expressão “filosofia brasileira”. Os vários motivos para esse constrangimento são analisados nesse artigo. Essa análise revela que a forma prioritária pela qual a filosofia é praticada entre nós ocorre a despeito do próprio Brasil. O que é típico da filosofia feita aqui é que ela é praticada em um ambiente culturalmente artificial. Entretanto, ao contrário de se constituir como prova de sua inexistência, esse isolamento é justamente aquilo que caracteriza a filosofia brasileira. Ela revela-se como uma manifestação cultural adaptada ao “espírito de inconsistência” ou à “cultura literária” – uma marca do nosso modo de vida identificada por vários autores. Portanto, não apenas há filosofia brasileira como ela é brasileira ao ser praticada de costas para o Brasil.

Palavras-chave: Filosofia brasileira. Filosofia no Brasil. Cultura literária. Espírito de inconsistência.

Abstract: The embarrassment caused by the expression “Brazilian philosophy” is common in the Brazilian philosophical milieu. This article analyzes the various reasons for such an embarrassment. This analysis reveals that the main way in which philosophy is practiced among us occurs despite Brazil itself. Here, as a rule, philosophy is undertaken in a culturally artificial environment. However, contrary to constituting proof of its inexistence, this isolation is precisely what characterizes Brazilian philosophy. It reveals itself as a cultural manifestation adapted to the “spirit of inconsistency” or to the “literary culture” – a charac-

* Professor Adjunto III da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Artigo recebido em 10/02/2014 e aprovado para publicação em 25/04/2014.

teristic of our way of life identified by various authors. Therefore, not only is there a Brazilian philosophy, but a very Brazilian one, although it has its back turned to Brazil.

Keywords: **Brazilian Philosophy. Philosophy in Brazil. Literary Culture. Spirit of Inconsistency.**

1. Introdução

Afirmar que a filosofia brasileira vive em uma espécie de estufa cultural talvez não soe exatamente como uma novidade. Tal ambiente artificial tem sido elaborado desde o início da atividade filosófica entre nós e se fecha num círculo hermético, de tal forma que não são deixadas zonas de contato com o restante da cultura brasileira ou portas para o ambiente exterior. O cultivo da história da tradição filosófica, desenvolvida como objeto exclusivo de estudo nos cursos de formação no Brasil, consolidou essa situação. A estufa tem funcionado de acordo com seu propósito: é possível viver dentro desse isolamento cultural, estudar filosofia e exercer a profissão de filósofo durante anos, sem fazer referência a nenhuma situação nacional ou sem refletir sobre algo que seja específico do país. Assim, a filosofia brasileira não tematiza o país nem seus problemas. Ela tem uma vida que se reproduz ao longo do tempo, sem sair do seu castelo encantado.

Entretanto, geralmente tem passado despercebido que essa falta de conexão e de disposição para tematizar o Brasil é justamente aquilo que melhor define a filosofia brasileira. O fato de não se articular com a cultura brasileira é a característica mais específica da filosofia feita entre nós. Entendo que a filosofia brasileira consiste justamente em um tipo de atividade segmentada do restante da cultura e que essa falta de conexão é sua especificidade. Ou seja, é justamente por não se conectar com o país e ter vergonha de se tornar nacional que a filosofia brasileira revela seu caráter brasileiro. Como pretendo argumentar adiante, não apenas há uma filosofia brasileira, como faz parte do seu exercício negar-se a se tornar brasileira. Pretendo evidenciar aqui que a filosofia nunca é tão tipicamente brasileira quando se nega a se tornar nacional e tematizar esse país. Ela é brasileira justamente por estar de costas para o Brasil e por não possuir a disposição de voltar seus olhos para o lado de cá.

A maior evidência de que realmente existe uma estufa filosófica é derivada das restrições que nós, os filósofos brasileiros, temos em falar em “filosofia brasileira”. Somente o temor, subterrâneo ou explícito, de que ainda não conseguimos estabelecer uma sólida conexão entre a filosofia e o Brasil é que nos impede de usar esse termo livremente. Se há constrangimento

e pudor linguístico, e ele existe com toda certeza¹, é porque a filosofia brasileira é cultivada no interior de uma estufa isolada do restante da nossa cultura. A restrição existente com relação ao termo é justamente nossa má consciência indicando aquilo que já deveríamos ter feito: uma conexão entre o Brasil e a Filosofia.

Não temos, pelo contrário, nenhum pudor para usar o termo “filosofia no Brasil” – o que reforça a evidência anterior. Esse último termo indica que não há nenhuma dificuldade em admitirmos que realmente desenvolvemos aqui um exercício filosófico desconectado daquilo que constitui a especificidade da vida brasileira. Assim, admitimos que há filosofia sendo feita nesse país, mas sem estabelecer um diálogo com o ambiente que a circunda. Por esse motivo, ficamos muito à vontade para falarmos de filosofia no Brasil, mas não gostamos de nos referir à filosofia brasileira. Com isso, ocultamos de nós mesmos que a filosofia feita no Brasil possui a especificidade de não se ocupar com esse país e que é por isso que ela é brasileira.

2. História da filosofia

Um filósofo brasileiro passa sua vida útil, em geral como professor universitário, mantendo uma interlocução exclusiva com a própria comunidade filosófica que o recrutou, selecionou e treinou. Raramente ele se ocupa em estabelecer conexões entre aquilo que aprendeu com essa comunidade e o ambiente em que essa mesma comunidade está inserida. Em poucas ocasiões pode-se perceber alguma tentativa de diálogo entre a história da filosofia, já razoavelmente incorporada entre nós pelas várias comunidades de filósofos existentes, e o restante da cultura brasileira. Isso expressa uma disposição para o isolamento, para a prática de uma atividade que não busca conectar-se com o meio em que ela se desenvolveu e se consolidou. Nesse sentido, o exercício filosófico realizado entre nós termina fazendo justiça a certa visão folclórica da abstração e do descomprometimento da filosofia com questões relativas a esse mundo.

Ninguém desconhece a importância e a especificidade de cada comunidade responsável por levar adiante o vocabulário e o tipo de investigação que é próprio de cada segmento da filosofia. É ela que garante a transmissão, a continuidade e a ampliação do conhecimento técnico disponível. Entretanto, o reconhecimento dessa importância não implica aceitar que isso define os limites de toda a atividade filosófica. Essa restrição indevida restringe o ambiente de exercício da filosofia ao contexto de preparação de futuros filósofos. Assim, aquilo que se tem requerido que os filósofos saibam

¹ NOBRE, M.; REGO, J. M. *Conversas com filósofos brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2000.

para serem filósofos não define a totalidade da atividade que é próprio da filosofia. Encanador não é um homem que sabe o que são canos, cola, serra e alicate de pressão. Da mesma forma, filósofo não é um homem que conhece a história da filosofia e seus conceitos.

Certamente há uma fase do processo de treinamento das habilidades básicas em que o domínio da história da filosofia deve ser objeto de atenção prioritária. Entretanto, a estufa é útil em uma fase precoce da vida: quando se prepara as plantas para suportarem as futuras intempéries do mundo exterior. Mas ela é danosa como forma definitiva de vida, como limite definitivo a ser adotado pelos filósofos brasileiros. As plantas que vivem na estufa podem, sob essa forma perversa de proteção, ter uma bela aparência, mas não suportam o contato com o ambiente exterior. Elas são plantas plenamente adaptadas ao ambiente controlado da estufa e só ali dentro conseguem florescer, gerando novas plantas também de estufa, em um processo de redundância artificial em que, apesar da exuberância aparente, nada de novo ou de pertinente para o restante do país é gerado. Para a perspectiva interna da estufa tudo pode parecer bem, mas para o restante do ambiente nacional a atividade filosófica é um luxo desnecessário e de poucos resultados.

Entendo que a autocrítica do excesso de proteção existente no ensino exclusivo da história da filosofia, em detrimento da própria reflexão filosófica nos nossos cursos de formação, já foi realizada². Os limites desse tipo de superproteção e temor à exposição estão bastante evidentes, porque incentivam e privilegiam ações restritas à própria estufa, sem nunca envolver o risco de deixar a filosofia se sujar de Brasil.

Uma das mais perversas justificativas para essa situação de isolamento é a de que o diálogo com o restante da cultura inevitavelmente implicaria em algum tipo de rebaixamento da posição do filósofo. Isto é, para estabelecer uma discussão com a cultura brasileira seria necessário que o filósofo fizesse concessões, já que a forma como o debate ocorre no ambiente externo não seria tão “filosófica” ou tão “rigorosa” quanto aquela que é moeda corrente no interior da estufa. Através dessa forma de pensar, o filósofo brasileiro compreende que o restante da cultura não dispõe da habilidade necessária para levar adiante uma discussão adequada sobre si mesma. Assim, exposto ao ambiente externo, ele correria o risco de não ser compreendido porque o restante dos cidadãos brasileiros não estaria preparado para o debate que o filósofo poderia promover sobre a nossa cultura. Em outras palavras, a filosofia não deveria se ocupar do Brasil porque o Brasil ainda não está à altura da filosofia.

Não é raro encontrar esse tipo de disposição entre os filósofos brasileiros, ainda que ela possa estar oculta sob algum tipo de artifício menos explícito.

² PEREIRA, O. P. Discurso aos estudantes sobre a pesquisa em filosofia. **Fundamento**, v.1, n. 1, set.-dez., 2010.

O reconhecimento de que não é apropriado envolver-se em uma discussão fora dos muros da comunidade filosófica é considerado como um cuidado especial com essa atividade, um zelo que se deve cultivar quando se ama a filosofia. Assim, o isolamento adquire a feição de devoção e cuidado tipicamente filosóficos. Quase nunca vem à tona a constatação de que esse zelo exclusivista com os aspectos internos equivale ao desprezo pelo restante da cultura nacional e de que ao adotá-lo se estabelece uma hierarquia que diminui a importância de tudo que venha do Brasil para a filosofia.

Esse é um equívoco gerado por uma concepção do trabalho filosófico que namora a institucionalização da arrogância intelectual. Tratei-o em outra ocasião³ e, por isso, apenas o menciono aqui. Essa falsa superioridade está baseada na ilusão de que a filosofia brasileira é, de fato, uma atividade tão independente do país que consegue se colocar muito acima dele. Veremos adiante que, ao contrário, nada expressa melhor a brasilidade da nossa filosofia do que o julgamento segundo o qual ela é muito superior ao restante da cultura. É justamente nesse gesto de arrogância que ela se revela a mais brasileira das atividades intelectuais.

3. A brasilidade da filosofia brasileira

Embora a situação de isolamento possa parecer muito natural à filosofia brasileira, na verdade ela é a materialização de um aspecto conhecido do Brasil: a cultura literária⁴. Essa manifestação diz respeito à prevalência de certa modalidade de fechamento epistêmico muito peculiar ao nosso país. Nela as atividades intelectuais se desenvolvem desconectadas do restante do ambiente cultural, como pequenas áreas não integradas à totalidade de onde emergiram. A ilustração dessa situação epistêmica é a de um arquipélago repleto de ilhas que não se comunicam, embora sejam expressões da mesma massa de terra submersa.

A cultura literária se expressa no “vício do bacharelismo”⁵, nos “acadêmicos verbosos” de “sermões tonitroantes”⁶, na “mania de profissões intelectuais”⁷ e por uma postura que se caracteriza por “essa estranha falta de adaptação” “às peculiaridades da terra e do povo brasileiro”⁸. Esse

³ SILVEIRA, R. A. T. O ensino de filosofia ainda é relevante? *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, Nº 19: Nov./2012-abr./2013, p. 41-59.

⁴ AZEVEDO, F. de. *A cultura brasileira*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963.

⁵ BUARQUE DE HOLANDA, S. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984, p. 116.

⁶ LIMA, O. *Formação histórica da nacionalidade brasileira*. Rio de Janeiro/São Paulo: Topbooks/Publifolha, 2000. São Paulo/Brasília: Companhia Editora Nacional/Instituto Nacional do Livro, 1978, p. 102.

⁷ FREYRE, G. *Novo mundo nos trópicos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971, p. 78.

⁸ TORRES, A. *O problema nacional brasileiro*. São Paulo: Editora Nacional, 1978, p. 89.

último elemento produziu uma “elite intelectual de importação”⁹. Esse conjunto de fatores se apresenta na própria filosofia como a preferência pela exibição do “fulgor de nossa inteligência e a manifestação exuberante de nosso saber e erudição...”¹⁰.

A persistência dessa vida fragmentada e alienígena no seu próprio país depende essencialmente da falta de integração dos elementos e de uma atividade segmentada em frações que não se comunicam. Nesse sentido, a filosofia brasileira tem incorporado perfeitamente bem e de maneira não intencional aquilo que constitui a nossa matriz cultural: a cultura literária.

Traduzo essa disposição por “espírito da inconsistência”, na medida em que essa atitude não se caracteriza pelo impulso por gerar um conjunto ordenado de elementos regido por um mesmo princípio. Ou seja, aquilo que vigora em determinada dimensão da cultura brasileira não exerce nenhum efeito sobre os demais elementos, de tal forma que o resultado é antes um conjunto permanentemente inconsistente do que um todo organizado e ordenado. Assim, a lógica que prevalece entre nós é muito mais a dos saltos inconstantes, das mudanças rápidas, do que a dos processos de amadurecimento de longo prazo. Priorizamos as transformações súbitas e quase mágicas a qualquer tipo de dedicação demorada e ao autoaperfeiçoamento gradativo.

Esse tipo de disposição cultural tem implicações importantes que não podem ser adequadamente desenvolvidas aqui na medida em que se manifestam em todas a complexidade das dimensões da vida nacional. Observo que uma de suas consequências mais óbvias é sua inaptidão para ser incorporada àquela narrativa ocidental segundo a qual a filosofia surge como artifício de unificação de uma cultura fragmentada.

O aparecimento dessa forma de saber [a filosofia] só é possível quando se faz sentir a exigência de uma nova unidade ideal, capaz de reconstituir a coerência das expressões simbólicas da existência num plano superior ao da vida imediata¹¹.

Isso significa que a tentativa de aplicar-se ao Brasil o esquema ocidental do ambiente cultural em que a filosofia surgiu na Grécia Antiga está fadada ao fracasso. Como ele supõe a possibilidade de uma coerência ou de um processo de articulação, tal tentativa será sempre finalizada com a afirmação de que ainda não há filosofia entre nós, porque ainda não desenvolvemos a necessidade por essa unidade superior. Não havendo por aqui aquela compulsão pelo ordenamento das partes de um mundo simbólico fragmentado, ainda não há filosofia entre nós. Portanto, dessa perspectiva somos um país inacabado, uma cultura que ainda não é oci-

⁹ AZEVEDO, F. de. *A cultura brasileira*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963. p. 278.

¹⁰ PEREIRA, O. P. Discurso aos estudantes sobre a pesquisa em filosofia. *Fundamento*, v.1, n. 1, set.-dez., 2010. p. 32.

¹¹ LIMA VAZ, H. C. O problema da filosofia no Brasil. *Síntese*, nº 30, 1981, p. 11-25, p. 13.

dental o bastante para sentir a necessidade de um céu unificado sobre nossas cabeças.

Essa postura entende o Brasil a partir do ocidente e de sua história e assume tal história como uma narrativa padrão a qual devemos nos subordinar de alguma forma como uma espécie de capítulo. Ou seja, ela vê o Brasil a partir de fora, como “uma versão americana da cultura ocidental”¹². Essa perspectiva vê o Brasil de dentro da história da filosofia ocidental e de sua compulsão por unidade e consistência. Visto daí, em que pese alguma variação nas nuances, este ainda é um país não filosófico, pré-filosófico ou algo do gênero. Portanto, não haveria mesmo filosofia brasileira porque tudo o que é verdadeiramente filosófico não é brasileiro e o que é brasileiro não pode ser filosófico se não for negado.

Em função da cultura brasileira ainda não estar pronta para a filosofia, esta última julga erroneamente que se dedica à atividade filosófica da única maneira que poderia fazê-lo: virando-se para o outro lado, assumindo uma definição artificial do que seja o seu trabalho. Isto é, de acordo com parâmetros que ela acredita lhe serem próprios desde sempre – desde que eles não digam respeito ao Brasil. Observe, entretanto, que aquilo que se manifesta como específico ao seu exercício, a artificialidade e a desconexão com o ambiente que a circunda, não expressa uma postura filosófica qualquer e aleatória. Trata-se de uma manifestação daquela brasileiríssima matriz cultural literária transposta para o plano filosófico: o espírito de inconsistência. A filosofia de estufa vive no interior da cultura brasileira, segundo a maneira de ser da cultura brasileira, mas se crê independente desse meio. Ela julga, inclusive, que essa independência é uma virtude específica que a torna superior a qualquer atividade interessada e contextualizada.

Mas é justamente ao adotar essa suposta virtude filosófica de isolamento e de dedicação à sua vida interior que ela é a mais brasileira de todas as atividades intelectuais. Ela consiste na afirmação de que cada estufa pode funcionar de acordo com sua própria lógica, sem se ocupar com o ambiente externo e sem buscar uma articulação orgânica com o restante do país. Ela afirma o modo de vida fragmentário e supostamente antifilosófico.

Observe, caro leitor, a vingança sutil que a cultura brasileira preparou para a filosofia: é justamente quando a filosofia se julga menos brasileira e mais puramente filosófica que ela se mostra mais brasileira. É justamente quando ela se crê livre do Brasil que ela é mais brasileira. É na afirmação de sua independência como atividade intelectual, de distanciamento crítico e rigor no trato endógeno dos problemas, que a filosofia se revela tipicamente nacional.

Então, sim, podemos usar o rótulo de “filosofia brasileira” sem nenhum tipo de pudor, porque aquilo que realizamos filosoficamente é a melhor

¹² Idem, p. 19.

expressão da cultura brasileira, descomprometida com qualquer coisa que não seja ela mesma, fragmentária e artificial. Somos filósofos brasileiros muito além daquilo que poderíamos imaginar e contra nossas próprias ilusões de estarmos sendo absolutamente independentes desse país e de sua cultura. Essa nossa suposta independência filosófica é a expressão cristalina de nossa mais profunda dependência com relação ao Brasil. Esse nosso alegado distanciamento é a expressão mais nua de que estamos atolados no Brasil – até o queixo. Trata-se de uma pequena maldição secretada nos recantos da estufa filosófica que nos atinge justamente naquele aspecto que julgávamos mais específico de nossa maneira de exercer a filosofia como tal, revelando aí sua profunda brasilidade.

A revelação da brasilidade oculta no exercício da filosofia brasileira possui várias implicações. Por uma questão de brevidade me concentrarei apenas naquelas que permitem explicitar melhor tal brasilidade da filosofia brasileira.

4. Fé filosófica

Não estou defendendo que a filosofia brasileira deveria adotar um aspecto prático ou aplicado – o que, obviamente, não diz respeito à definição usual de “filosofia”. Já me parece um progresso considerável admitirmos que o exercício filosófico que realizamos se desenvolve em um ambiente artificial, fechado sobre si mesmo, voltado para a sua própria comunidade de filósofos, sem a pretensão de se alimentar ou de se conectar com as questões externas e características de seu meio ambiente. Um segundo passo importante, e talvez bem mais difícil, seria nos convenceremos de que a lógica que produz essa estufa é a expressão do ambiente cultural brasileiro e não uma forma de exercício da filosofia como tal. Dado esse passo, entenderemos que aquilo que chamamos de “tipicamente filosófico” – nosso isolamento – é, na verdade, tipicamente brasileiro.

Também não creio que devemos pensar que essa estufa, laboriosamente desenvolvida pela filosofia brasileira, seja uma espécie de gueto intelectual. Pelo contrário, nós os filósofos tentamos fazer o melhor trabalho que é possível fazer dentro da nossa ilha artificial paradisíaca. Assim, procuramos dar a ela uma bela aparência, nos empenhamos em que a nossa ilha seja um lar confortável e aconchegante – um lugar em que realmente gostamos de trabalhar e onde julgamos que se encontram coisas que são relevantes para toda humanidade. A estufa certamente tem gerado flores de bela aparência, plantas que vicejam e exibem robustez.

Mas, em que pese aos bons resultados e a essa aparência de Jardim do Éden, a estufa filosófica ainda é uma ilha dentro do país. Sua riqueza aparente não contamina o restante da cultura e não produz resultados culturalmente relevantes – dentro daquilo que podemos compreender como contribuições

filosóficas à compreensão de um país. Ela não vivifica o debate moral e político, não postula problemas específicos que nos dizem respeito e não auxilia a nos entendermos melhor – embora essa seja uma de suas alegadas premissas desde o início: “conheça a você mesmo”. Não há dúvida que o filósofo brasileiro é um ser inteligente. Mas sua inteligência é um adorno infrutífero. Ele é dotado de uma riqueza que não se manifesta nesse mundo e não se expande para fora de si mesma. A filosofia brasileira é uma eterna promessa, um Éden que nunca se concretizou, assim como o próprio Brasil¹³. Assim, não devemos pensar que a filosofia brasileira é feia. Ela é uma flor de estufa.

Reconsidero aqui aquela ideia, talvez ainda recalcitrante para alguns leitores filósofos, de que esse estilo isolado de vida é uma decorrência de alguma característica particular da própria filosofia. Para essa perspectiva, se há uma estufa é porque o exercício filosófico exige distanciamento das condições externas, um isolamento que seria justamente o que nos faria enxergar as coisas de um ponto de vista tipicamente filosófico. Assim, essa necessidade de separação e de isolamento seria própria dessa atividade e a existência de uma ilha filosófica entre nós seria justamente a evidência concreta e positiva de que estamos no caminho certo: quanto mais distantes do restante da cultura estivermos, maior a possibilidade de chegarmos à maturidade filosófica. Talvez, quem sabe, a partir dessa maturidade pudesse surgir uma verdadeira filosofia brasileira que se revelaria em uma temática específica e original?

Essa perspectiva é alimentada pelo brilho promissor da riqueza aparente, por aquele fulgor de nossas inteligências supostamente privilegiadas, pela fé em nossas capacidades heroicas e isoladas. Ela é a expressão da transmutação mágica do mundo, da possibilidade de atingirmos um estado de vida superior que ainda não chegou, mas que pode se manifestar a qualquer instante. Dessa maneira, o isolamento seria a própria consolidação de uma autêntica filosofia brasileira e de nossa condição cultural, na medida em que também seríamos capazes de grandes abstrações. Aqueles que assim pensam, entendem que o isolamento é uma manifestação de maturidade cultural, de capacidade de realizar um trabalho intelectual abstraído das condições sociais, um sintoma de nossa já desenvolvida capacidade cognitiva de fazer filosofia como tal. A originalidade viria no futuro, justamente em função do isolamento. Só então, nesse momento de redenção, teríamos uma autêntica filosofia brasileira.

Não há muito que dizer sobre isso, porque se trata de um ato de fé. Todos têm direito a tais gestos. Mas talvez seja justamente nesse ato de fé que se manifeste, novamente, a brasilidade de nossa filosofia. Acreditar que o isolamento com relação ao restante da cultura nos levará à originalidade e a um estado de maturidade filosófica equivale a aguardar o dia messiânico em que o sertão irá virar mar e o mar irá virar sertão. Essa expectativa de

¹³ BUARQUE DE HOLANDA, S. *Visão do paraíso*. São Paulo: Brasiliense/Publifolha, 2000.

apoteose, essa esperança permanente de que tudo será alterado por um gesto de prestidigitação súbito expressa aquela faceta da cultura brasileira que indicamos acima. Ela é a expressão filosófica do messianismo da “troca de cabeça”¹⁴ que consubstancia a transferência instantânea do mal para longe de nós, dos “transes imaginários”¹⁵ que subvertem a realidade por meio de um gesto e da velha propensão colonial a “arrecadar, depressa e de golpe, a (...) riqueza sem suor e com muita audácia”¹⁶. Ela contém também a crença de que seríamos “cheios de talento por natureza”¹⁷. O espírito de inconsistência joga água no moinho da troca de cabeça porque, não tendo propensões orgânicas e tradições consolidadas, somos guiados apenas pela “miragem do futuro”¹⁸ e pela expectativa de que “Um dia o Brasil há de ser grande e poderoso!”¹⁹.

Esse conjunto de disposições messiânicas nos conduz a não “nos assumir teórica e praticamente”²⁰ na medida em que aguardamos a consumação superior do Éden filosófico, como um raio fulminante que cortará e iluminará o céu escuro. Mantemos sempre acesa a possibilidade de que a noite seja subitamente iluminada por uma luz instantânea. Trata-se daquela tendência ao pensamento mágico da brasilidade, convertido aqui em expectativa por originalidade filosófica que resultará do cultivo realizado nas condições da estufa.

Ressalto que não há nada de errado com esse gesto de fé. Entretanto, ele é um gesto altamente brasileiro e precisamos compreendê-lo assim, sob pena de não entendermos o aspecto brasileiro da filosofia brasileira. Sempre que a filosofia é guiada por essa expectativa de originalidade no ambiente de isolamento cultural, ela expressa a cultura literária e o que faz do Brasil o que ele é.

5. *Transcultural filosófica*

Outro elemento do espectro da defesa da situação de isolamento é o entendimento da filosofia como manutenção de uma tradição histórica de mais de 2000 anos. Assim, o que seria específico do trabalho do filósofo

¹⁴ RODRIGUES, N. *O animismo fetichista dos negros baianos*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Editora da UFRJ, 2006, p. 64.

¹⁵ TORRES, A. *O problema nacional brasileiro*. São Paulo: Editora Nacional, 1978, p. 89, p. 124.

¹⁶ FAORO, R. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. Porto Alegre/São Paulo: Globo/EDUSP, 1975, v.2, p. 143.

¹⁷ ANDRADA E SILVA, J. B. A. *Projetos para o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras/Publifolha, 2000, p. 97.

¹⁸ LIMA, O. *Formação histórica da nacionalidade brasileira*. Rio de Janeiro/São Paulo: Topbooks/Publifolha, 2000. São Paulo/Brasília: Companhia Editora Nacional/Instituto Nacional do Livro, 1978, p. 169.

¹⁹ SALGADO, P. *Nosso Brasil*. São Paulo: Voz do Oeste, 1981, p. 187.

²⁰ GOMES, R. *Crítica da razão tupiniquim*. 5ª Ed. São Paulo: Cortez Editora, 1982, p. 103.

seria seu zelo pela tradição e pela interpretação do conhecimento dos grandes autores. Dessa forma, não haveria uma ilha, propriamente falando já que o que estaria em questão seria antes um diálogo com a tradição filosófica, obviamente não limitado por questões geográficas. A estufa se revelaria, dessa perspectiva, não como um ambiente isolado, mas como a possibilidade de um entrelaçamento de vozes oriundas de lugares e épocas distintos. Cada unidade estaria igualmente isolada do seu ambiente externo na mesma medida em que ela comporia um foro específico: a comunidade filosófica histórica e internacional.

Dessa maneira, a própria noção de estufa estaria equivocada. Haveria isolamento apenas quando se olha (indevidamente) a filosofia de dentro do Brasil. Mas o olhar dos filósofos, orientados para o culto da própria história da filosofia e por um diálogo entre seus próprios cidadãos, não constataria nenhuma situação de isolamento. Pelo contrário, ele veria em andamento a colaboração nacional no refinamento de uma longa tradição transcultural. O que alguns chamam erradamente de isolamento, os filósofos brasileiros chamariam de contribuição à cultura filosófica e à sua história, de participação em uma espécie de cidadania planetária de filósofos como tais.

Claro que há nessa ideia a expectativa de que, mais cedo ou mais tarde, chegará a hora em que daremos um salto do ponto de vista de nossa relação com essa cultura filosófica histórica e internacional. Com base na plena absorção do seu vocabulário e de sua sofisticação, estaremos em condições, em algum momento futuro, de contribuirmos ativamente no seu enriquecimento. Algo que pode estar, inclusive, acontecendo nesse momento, sem que estejamos devidamente aptos a perceber o florescimento dessa nova planta cultivada cuidadosamente entre nós e que poderá ser um novo espécime da cultura filosófica universal.

A base dessa perspectiva de compreender a atividade filosófica é acreditar que a participação efetiva no desenvolvimento de uma cultura geral se dá através da assimilação adequada da linguagem que se fala internacionalmente. Ou seja, a originalidade da participação brasileira surgiria após nos tornarmos aptos a falar a língua internacional da filosofia e a manuseá-la adequadamente. Isso justificaria aquilo que afirmei ser um isolamento quando, na verdade, se trata de uma espécie de diálogo transhistórico e transcultural, um diálogo filosófico como tal.

Entretanto, essa noção é desmentida quando notamos que, por definição, uma contribuição original ocorre justamente pelo rompimento com relação a um cânone estabelecido. Portanto, não parece fazer sentido cultivar uma esperança de originalidade por meio *exclusivo* da aprendizagem do cânone. A aprendizagem de uma língua nos habilita para a comunicação com os seus falantes, mas certamente não é suficiente para nos capacitar para inventarmos novos vocabulários. Não é verdade que uma contribuição original em filosofia nasça do conhecimento prévio da história da

filosofia. Essa noção não faz nenhuma justiça aos próprios filósofos que hoje compõem o cânone ocidental. A maioria deles não era um notório conhecedor da história da filosofia, nem são os bons historiadores os nossos melhores filósofos.

Com isso, se rompe a linha pressuposta por essa maneira de pensar segundo a qual o cultivo da filosofia em isolamento possa nos habilitar, em algum sentido, para a proposição de novidades filosóficas diante de um ambiente mais vasto. O conhecimento da história da filosofia é um elemento fundamental para o desenvolvimento de uma comunidade filosófica nacional, mas esta última não pode se limitar a esse tipo de tarefa, senão sob a forma da estufa e do isolamento – como já salientei acima. O cultivo do cânone é uma etapa importante do processo de treinamento, mas não é suficiente para a criação de novas perspectivas filosóficas. Nesse sentido, a interlocução internacional em filosofia não nos garante nada mais do que a demonstração de nossa maturidade em tratar do cânone da perspectiva canônica. Isto é, ela é a afirmação da redundância.

A postura isolacionista também pode ser defendida tendo em vista o atraso cultural do Brasil. O problema, nesse caso, não seria da própria comunidade filosófica e sim da cultura brasileira, ainda incapaz de contribuir positivamente com o panorama internacional. Dessa forma, quando a cultura geral do país estiver em condições de estabelecer um diálogo com a tradição filosófica da humanidade esta última estará bem desenvolvida entre nós e pronta para ser utilizada, graças ao trabalho desenvolvido na estufa pelos filósofos brasileiros. Trata-se, portanto, de uma fase em que o cultivo deve mesmo ser feito na estufa, de tal forma que as plantas estejam prontas para enfrentar as intempéries externas e se integrar ao meio ambiente quando chegar o momento de sua maturidade.

Guardadas as devidas proporções, essa é a mesma lógica da lei de proteção à informática da década de 1980 no Brasil. Vista ainda mais de perto essa é a mesma lógica do que Faoro²¹ considerou ser a lógica do patronato brasileiro. A ideia de que devemos proteger nossas iniciativas enquanto elas ainda não estão devidamente preparadas para as durezas do mundo exterior, sejam industriais ou filosóficas, é a base para a relação paternal de proteção – também uma marca da cultura brasileira. Assim, se criam aquelas pequenas frações de ambientes isolados, regadas com uma lógica própria e adubadas com privilégios específicos, de tal forma que as tenras plantinhas estejam bem protegidas das ameaças do mundo externo ameaçador. Em algum momento futuro, essas barreiras serão quebradas e as plantas poderão finalmente habitar o ambiente externo.

²¹ FAORO, R. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*, 2v. Porto Alegre/São Paulo: Globo/EDUSP, 1975.

Mas o que aqui emerge, mais uma vez, é a velha lógica brasileira dos privilégios e da falta de regras universais que tentam evitar os ambientes abertos a um mesmo padrão de temperatura, umidade e pressão. Então parece evidente que a reivindicação por um direito específico à situação de isolamento da atividade filosófica brasileira representa a velha lógica do espírito de inconsistência, a tentativa de constituir uma situação excepcional em função de uma alegada especificidade. Essa lógica é a afirmação do patronato e do protecionismo tão brasileiros.

Não é surpreendente que a filosofia brasileira possua, no seu cerne, essa reivindicação por particularismo e pela defesa de um privilégio, contra toda a aparência de universalidade que constitui seu próprio discurso historicamente consolidado. Não há surpresa aqui quando notamos que a filosofia brasileira é brasileira e não consegue fugir do país em que vive, mesmo quando já se julga fora dele. Só há surpresa para aqueles que ainda se julgam filósofos como tais.

Nesse sentido, observe que a reivindicação por isolamento para o cultivo de uma filosofia universal, a participação em uma atividade transcultural, é justamente a expressão da falta de disposição para a universalidade. Ou seja, a participação em uma suposta discussão universal é feita não de dentro da particularidade, mas como sua negação: é por não se deixar contaminar pelo Brasil que a filosofia brasileira poderia participar do debate universal. Mas isso equivale a se credenciar para o debate universal pela negação do seu aspecto particular e de sua brasilidade. Já vimos o quando essa negação, ao contrário do que parece, expressa justamente nossa profunda brasilidade. Então, essa negação a se ocupar com o Brasil é, ela mesma, uma expressão profunda da cultura nacional.

6. O museu filosófico

O culto exagerado da história da filosofia tem sido justificado como um elemento necessário, sem o qual não poderá haver filosofia. E isso é verdade. A questão parece consistir em saber *quando* estaremos em condições de usar as informações históricas como ferramentas úteis para o exercício filosófico e não mais como artefatos de museu. Mas não me parece que essa seja a questão pertinente: analisarmos se há ou não preparo histórico consolidado na comunidade filosófica brasileira. A questão é verificar se possuímos coragem para ampliar o foco das atividades e incluir nelas esse país. Não se trata de analisar se o tempo é adequado, mas se nossas disposições de espírito o são.

O filósofo brasileiro geralmente pode ser facilmente confundido com o guarda de um museu intelectual: ele se ocupa em preservar um bem precioso para ser utilizado pelas futuras gerações. Ele é uma espécie de vigilante de

um tesouro que ainda não pode ser utilizado, seja em função da incapacidade transitória da própria filosofia, seja em função de alguma imaturidade cultural do mundo exterior. E até que as condições objetivas estejam mais favoráveis ou as plantinhas estejam bem fortalecidas, não haverá nenhuma possibilidade de que a estufa seja aberta e o seu tesouro repartido entre os brasileiros. Ele guarda uma enorme riqueza, tão grande quanto impotente.

Da mesma forma que o argumento anterior, esse substitui o todo pela parte. A guarda do tesouro da filosofia é um trabalho importante, mas não se pode confundi-lo sistematicamente com o trabalho filosófico como é feito no Brasil. As ferramentas históricas desenvolvidas pela filosofia não podem ser abandonadas, mas sua preservação não constitui o próprio trabalho filosófico. Esse último não pode prescindir do aparato conceitual já existente, nem que seja para utilizá-los de outras formas ou forjar novos instrumentos a partir deles. Tal arcabouço conceitual é de onde partimos, mas certamente não pode ser onde queremos chegar – a menos que estejamos implicitamente reafirmando aquela tendência da cultura brasileira de fechar o círculo sobre si mesma, enquistando-se em uma atividade desprovida da capacidade de se comunicar, embora se movimente permanentemente em torno de si mesma. Mais uma vez parece óbvio que devemos evitar a todo custo essa modalidade perversa de motor imóvel que não transmite movimento a nada além de si mesmo.

7. Filosofia e originalidade

Vivemos em uma cultura que viveu raros momentos de democracia política. Mas a democracia jamais se instalou entre nós como uma forma de vida. Em grande medida e do ponto de vista prático da convivência cotidiana, ainda somos um país autoritário e colonial. A liberdade, entendida como exercício de alternativas efetivas de modos de vida, ainda é uma experiência escassa entre nós.

Essa situação de falta de liberdade pode passar despercebida em um regime político democrático. Durante o período da ditadura militar havia a comodidade de se poder indicar uma limitação física para o seu exercício. Os cassetetes e a tortura se faziam presentes como prática violenta de contenção. Agora, em um regime político democrático, não há desculpas tão óbvias para o fato de que o país patina sobre suas próprias disposições de espírito. A falta de liberdade é uma opção nossa, um modo de vida que de forma mais ou menos inconsciente fomos adotando ao longo de nossa história.

Se era necessário, no período da falta de liberdade política, que a Filosofia, com sua variedade exuberante de formas alternativas de pensar, ficasse restrita a poucos como se fosse um segredo ameaçador, hoje isso não é

mais necessário. Se era necessário que o trabalho filosófico se concentrasse na guarda zelosa do museu das jóias, isso não é mais tão importante nas atuais circunstâncias em que vivemos. Não há inimigos lá fora que possam ameaçar as conquistas filosóficas da humanidade. Não há mais por que se preocupar demasiadamente com a guarda da tradição. É o momento de colocarmos as jóias a serviço da cultura nacional. Se o país é pobre em diversidade e possui restrições existenciais do uso da liberdade, isso já não encontra nenhuma justificativa no mundo exterior. A filosofia é diversa o bastante para enriquecer o país com alternativas.

Para alterarmos a perspectiva da estufa e exercitarmos a filosofia brasileira como uma atividade mais ampla que o mero cultivo da tradição, teremos que remover algumas de nossas ilusões sobre ela. Uma das ilusões mais difundidas entre os filósofos brasileiros é de que possível produzir algo de relevante em um país pobre e desigual. A ilusão da relevância individual no meio da miséria é uma espécie de escapismo subjetivo diante do tamanho da tarefa que bate à nossa porta: pensar o Brasil e produzir algo que, expressando o que somos, se mostre relevante para nós mesmos.

Só depois de formularmos filosoficamente o que somos é que estaremos em condições de participarmos daquele debate transcultural e transhistórico. Ele não é, como pode parecer, um debate filosófico como tal. Isto é, ele não é um debate em que os filósofos deixam de ser o que são para se tornarem cidadãos filosóficos universais. Alguns filósofos só adquiriram a efetiva cidadania universal na proporção em que se aprofundaram no modo de vida que os cercava e romperam com qualquer perspectiva de isolamento. Não é a negação de sua especificidade que qualifica os filósofos para esse diálogo, mas a transcendência por dentro – por assim dizer. É a ultrapassagem da cultura nacional a partir de sua ampla aceitação que nos habilita para o debate universal. Mas esse debate é realizado enquanto somos filósofos brasileiros e não enquanto somos filósofos como tais, forjados pela negação de nossa brasilidade.

Não é possível fazer algo interessante em termos históricos *apesar* das condições de subdesenvolvimento brasileiro. Isto é, ao deixar de lado o Brasil como objeto de pensamento filosófico, não resta aos filósofos brasileiros senão exercícios individuais na tentativa de dialogar com os centros principais de produção do conhecimento filosófico. Mas esse é um projeto fadado ao fracasso, porque é estreito e egoísta. Trata-se, nesse caso, somente de um projeto de dimensões particulares que atinge seu objetivo quando um filósofo brasileiro consegue dialogar com a comunidade internacional. Esse debate se realiza quando um filósofo é aceito como um participante ativo em um debate internacional. Esse é o seu limite: mostrar-se capaz de obter interlocução segundo os parâmetros vigentes – outra forma de redundância.

Nesse caso, se trata de sucesso pessoal e não de alguma questão sobre como se deve fazer filosofia. Observe que nesse processo de estabelecer diálogo

com a comunidade internacional, o filósofo brasileiro deixou justamente de ser brasileiro, porque não levou nada daqui para ser discutido lá. Sua capacitação meritória de se mostrar apto à interlocução internacional foi feita com o preço do abandono de qualquer assunto nacional. Trata-se de uma conquista de mérito pessoal. Essa é toda a sua virtude e seu próprio limite.

Insisto: não há nada de moralmente errado com o projeto individual de se tornar reconhecido, na medida em que alguém consegue dialogar com a comunidade internacional – nos termos em que o debate é dado. Nesse caso, só há estreiteza de perspectiva, porque se trata de um projeto sem pretensões filosóficas relevantes para o país. Dele não se produzirá nada de significativo, além do próprio reconhecimento pessoal.

Não defendo que a filosofia brasileira tenha que se fechar em uma carapaça e tentar cultivar a miséria com os recursos da miséria. Nada que se realize com o espírito de estreitamento da perspectiva pode ser promissor. Precisamos cultivar o Brasil com os únicos recursos de que dispomos: os recursos da história da filosofia. Não podemos nos limitar ao culto endógeno de nossa própria cultura, pensada exclusivamente com base nas próprias referências como se elas, porque são nossas, fossem superiores. O Brasil tem de ser tematizado pela filosofia, isto é, a partir do arcabouço teórico que já possuímos. Esse é o ponto de partida e é tudo o que é necessário, porque não há ponto de chegada. Abandonar a história da filosofia faz tão pouco sentido quanto aquela tentativa egoísta de dialogar com o exterior *apesar* do Brasil.

Apenas enfrentando o Brasil com as categorias históricas da filosofia poderemos dizer algo de importante para nós mesmos. E somente com a confiança de que temos algo de relevante a dizer sobre nós é que poderemos participar do debate internacional. Não poderemos ser bons filósofos brasileiros apenas nos tornando especialistas em problemas filosóficos já identificados pela agenda internacional. Não há nada de errado com esses problemas, senão o fato de que eles ainda não foram enriquecidos com a brasilidade, não foram absorvidos a partir daquilo que, *para o bem ou para o mal*, nos constitui.

Não parece que o caminho da atividade filosófica possa ser aberto por meio de um diálogo individual com a comunidade filosófica internacional ou por meio do esquecimento da brasilidade. Um projeto de diálogo nacional com a cultura filosófica é a única direção promissora para a filosofia brasileira, porque ele é abrangente, generoso e realista. Para isso, devemos ampliar a perspectiva incluindo o Brasil na filosofia. Mas a filosofia não deve se tornar pobre porque o país é subdesenvolvido. A filosofia deve se enriquecer com o Brasil, na medida em que o próprio país se enriquece com ela.

A ideia de uma filosofia assumidamente brasileira e bem resolvida, que defendo aqui, não visa impor restrições à atividade filosófica. Isso é, não

deve partir da noção de que *apenas* devemos nos ocupar com o Brasil – ou algo do gênero. Isso produziria uma nova perversidade que corresponde à inversão daquela que já existe. Trata-se, pelo contrário, de alargar fronteiras desnecessárias dentro das quais circunscrevemos a filosofia, de tal forma que o Brasil também possa ser tratado por ela. Dessa conjunção entre as categorias filosóficas históricas e a brasilidade pode surgir algo que seja *nossa* contribuição para a filosofia. Ou não.

O aspecto a ser destacado aqui é que o exercício atual da filosofia brasileira é perverso porque se caracteriza por uma restrição injustificável que exclui o Brasil de suas preocupações. Não há nenhum motivo razoável que nos leve a tentar fazer filosofia brasileira em uma estufa, senão a própria herança genética subterrânea – e pouco filosófica porque inconsciente – da cultura brasileira. Vimos como isso gera uma riqueza impotente e como a brasilidade se infiltra sorrateiramente por dentro do nosso pensamento e para dentro da filosofia. A única possibilidade de saída para essa negação que secreta a vingança da cultura excluída é alargar a maneira como nos ocupamos da filosofia e incorporar também o Brasil – assim como já incorporamos a Grécia, Roma, a Inglaterra, a França, a Alemanha etc. Assim, ao contrário de nos deixarmos apequenar por aquilo que excluímos sem consciência, nos tornamos maiores em função daquilo que decidimos incluir no nosso pensamento. Por isso, a filosofia brasileira precisa se tornar mais generosa.

Mas essa possível contribuição ao debate internacional de uma filosofia brasileira generosa não deve nos ofuscar a mente, como se estivéssemos talhados historicamente para fornecer ao mundo algo que ele ainda não possui. Não estamos destinados a nada, muito menos a ser originais. O que ganhamos com essa aproximação entre as peculiaridades brasileiras e a filosofia é que podemos dizer algo de relevante para o nosso próprio país e, quem sabe, adicionar algo de nosso à própria filosofia. Mas esse último elemento não deve nos perturbar como se fosse um objetivo que teríamos que realizar a todo custo. Nem sempre nossas peculiaridades poderão ser interpretadas como formas de vida promissoras ou poderão conter algo de significativo para os outros.

Para nós, filósofos brasileiros, a ampliação da perspectiva filosófica exige o alimento da cultura do nosso país. E isso só pode funcionar como um projeto coletivo. Um projeto que visa fundir o Brasil e a filosofia dentro de uma maneira de pensar alargada, conduzindo ambos para além de sua condição atual. O Brasil poderá adquirir uma nova consciência de si e a filosofia poderá adquirir uma nova maneira de pensar. Ambos poderão mover-se para além de suas limitações atuais. Mas isso não é uma necessidade com relação ao futuro. Isso é uma necessidade para tornar a filosofia uma atividade generosa e pertinente para os brasileiros.

Referências

- ANDRADA E SILVA, J. B. A. *Projetos para o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras/Publifolha, 2000.
- AZEVEDO, F. de. *A cultura brasileira*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963.
- BUARQUE DE HOLANDA, S. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.
- _____. *Visão do paraíso*. São Paulo: Brasiliense/Publifolha, 2000.
- FAORO, R. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*, 2v. Porto Alegre/São Paulo: Globo/EDUSP, 1975.
- FREYRE, G. *Novo mundo nos trópicos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.
- LIMA, O. *Formação histórica da nacionalidade brasileira*. Rio de Janeiro/São Paulo: Topbooks/Publifolha, 2000. São Paulo / Brasília: Companhia Editora Nacional/ Instituto Nacional do Livro, 1978.
- LIMA VAZ, H. C. O problema da filosofia no Brasil. *Síntese*, nº 30, 1981, p. 11-25.
- NOBRE, M.; REGO, J. M. *Conversas com filósofos brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- PEREIRA, O. P. Discurso aos estudantes sobre a pesquisa em filosofia. *Fundamento*, v.1, n. 1, set.-dez., 2010.
- RODRIGUES, N. *O animismo fetichista dos negros baianos*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Editora da UFRJ, 2006.
- SALGADO, P. *Nosso Brasil*. São Paulo: Voz do Oeste, 1981.
- SILVEIRA, R. A. T. O ensino de filosofia ainda é relevante? *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, Nº 19: Nov./2012-abr./2013, p. 41-59.
- TORRES, A. *O problema nacional brasileiro*. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

Endereço do Autor:

Rua da Igreja, 26 — Casa do Bem
45807-000 Cidade Histórica — Santa Cruz Cabralia
roniefilosofia@gmail.com